

## FAUNA & FLORA DO DF

# As orquídeas do cerrado

Donalva Caixeta (texto)

Alencar Monteiro (fotos)

O cerrado, sendo a região sacrificada que é, às vezes apresenta suas surpresas que sempre resultam em belas revelações. Assim é que, sendo as orquídeas um gênero vegetal que prolifera com maior abundância nas florestas tropicais úmidas, o cerrado tem cerca de 300 variedades, quase o mesmo número em gênero e espécie das catalogadas na Guanabara. E das 48 espécies conhecidas em todo o Brasil, mais da metade é encontrável no Planalto Central, o que evidencia, segundo o Professor Ezechias Heringer, que o cerrado não é tão pobre como aparenta.



A orquídea sumaré é típica do Planalto Central, e está carregada agora de douradas flores



Esta é um orquídea híbrida paulista. Mas está no DF e flore assim bonito, com riqueza de formas e cores

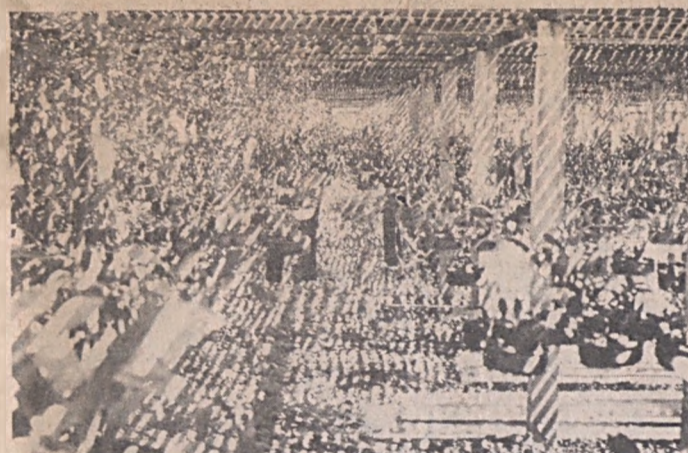


Apreciadas pelo seu exotismo e fragrância, as orquídeas não são flores acessíveis a qualquer um. Uma única flor custa o preço de uma dúzia de rosas

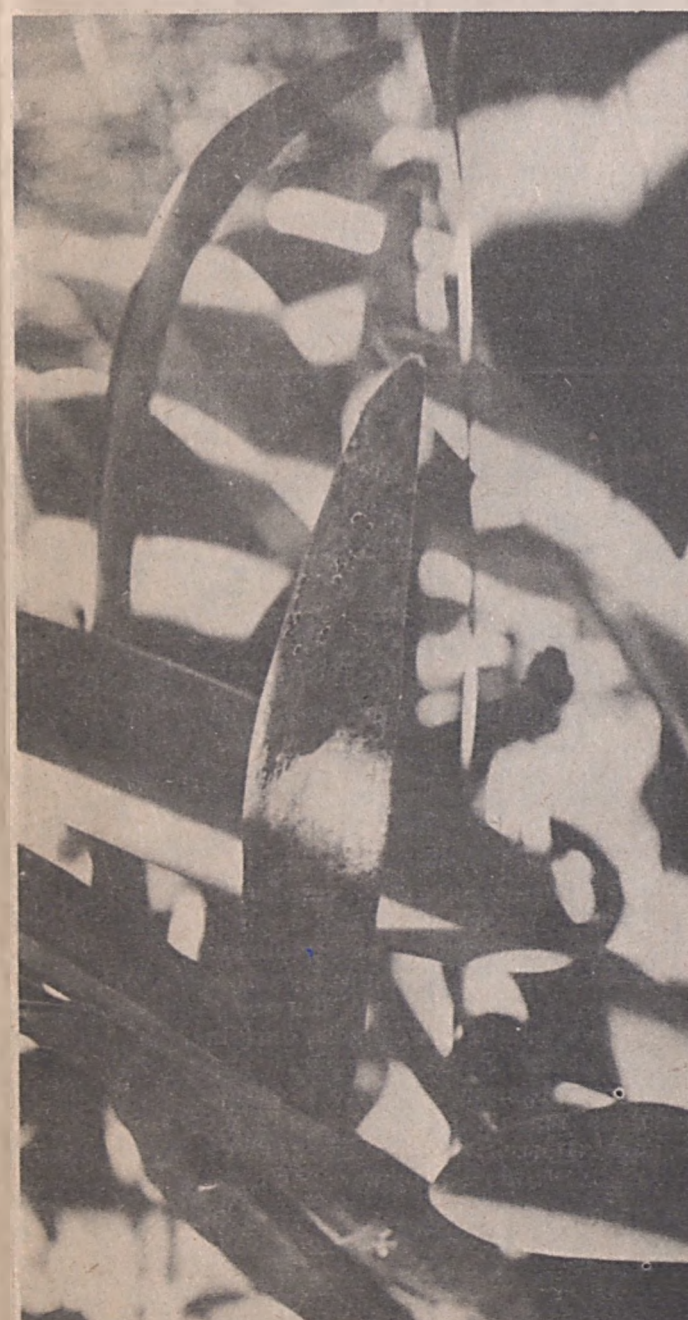
Para o professor, nada tão emocionante como encontrar sobre a lisura de uma pedra, uma orquídea florindo! É que as condições inadequadas forçam a espécie a uma adaptação necessária à sobrevivência. Sabe-se que o maior inimigo do cerrado é o fogo: as orquídeas então "procuram" as pedras porque elas guardam umidade e quando o fogo passa por ali, passa ligeiro, poupando-as. As orquídeas do cerrado raramente estão em árvores, que são muitas secas. Quando não elegem as pedras, elas vão para dentro d'água, onde estão a salvo do fogo, ou então se encaixam em árvores vizinhas das matas ciliares. Mas mesmo aí se protegem, alicando-se a mais de um metro de altura.

Só mesmo a paciência do Professor Ezechias poderia levá-lo a descobrir no cerrado uma espécie milimétrica, uma das menores orquídeas do Brasil, se não a menor. Com mais ou menos 8 milímetros de tamanho de cor rosada, ela foi batizada, em homenagem a seu Descobridor, com o nome de "Typhora Heringeri". Ela forma juntamente com a "Cattleya Bicolor", a "Cyrtopodium" (que o fogo ajuda a florir, passando de leve sobre seus pseudobulbos que nada mais são do que uma reserva que desencadeia hormônio do crescimento e que é responsável pelo seu desenvolvimento e floração), a "Cattleya Walkiriana", uma das espécies mais bonitas do cerrado. As vezes esta última, que é muito encontrada em lugares secos, se agrupa de tal forma que é possível se deparar-se com moitas com até 50 flores!

Não é tempo de flor, e por isso são poucas as orquídeas a florirem agora. E das que estão dando flor a maior parte das que compõem o orquidário da Estação Experimental da Botânica da Universidade de Brasília, são "estrangeiras", ou seja proveniente de outras partes do Brasil. Apenas a "Cyrtopodium", popularmente chamada de Sumaré, foge à regra vegetal (agora é tempo de recesso), cobrindo-se de flores douradas. Outras espécies desenvolvem o mecanismo vegetal da "gestação" e, numa cápsula acumulam as reservas e energia que vão-se transformar em flor daí a algum tempo. Mas a maioria mesma permanece no seu sono outonal, aguardando que chegue a primavera para então multiplicar-se numa profusão de belas e variadas flores. Normalmente o formato da orquídea obedece a um plano definido, mas a sua coloração vai da mais escura (orquídea negra) até a branca, passando por toda uma gama de variações.



O ripado que obriga as orquídeas do Professor Ezechias Heringer, no Campo Experimental da UnB. Sol e sombra, umidade, bem-estar



Esse cartucho retém em seu interior as futuras flores que se desenvolvem gradativamente, como num plano de "gestação"

### NÃO PARASITAM

Por anos sem conta, a orquídea foi injustiçada com a atribuição que lhe determinaram de ser uma planta parasita. Tanto ela não é parasita que também cresce no solo, formando o grupo das orquídeas terrestres. As denominadas "epífitas", que crescem nos troncos das árvores e de outras plantas vegetais, usam esse suporte apenas como um "cavalo", dela não retirando suas propriedades vitais. E, finalmente, as de raízes aéreas, tiram seu próprio sustento por intermédio do ar, das poeiras, da chuva.

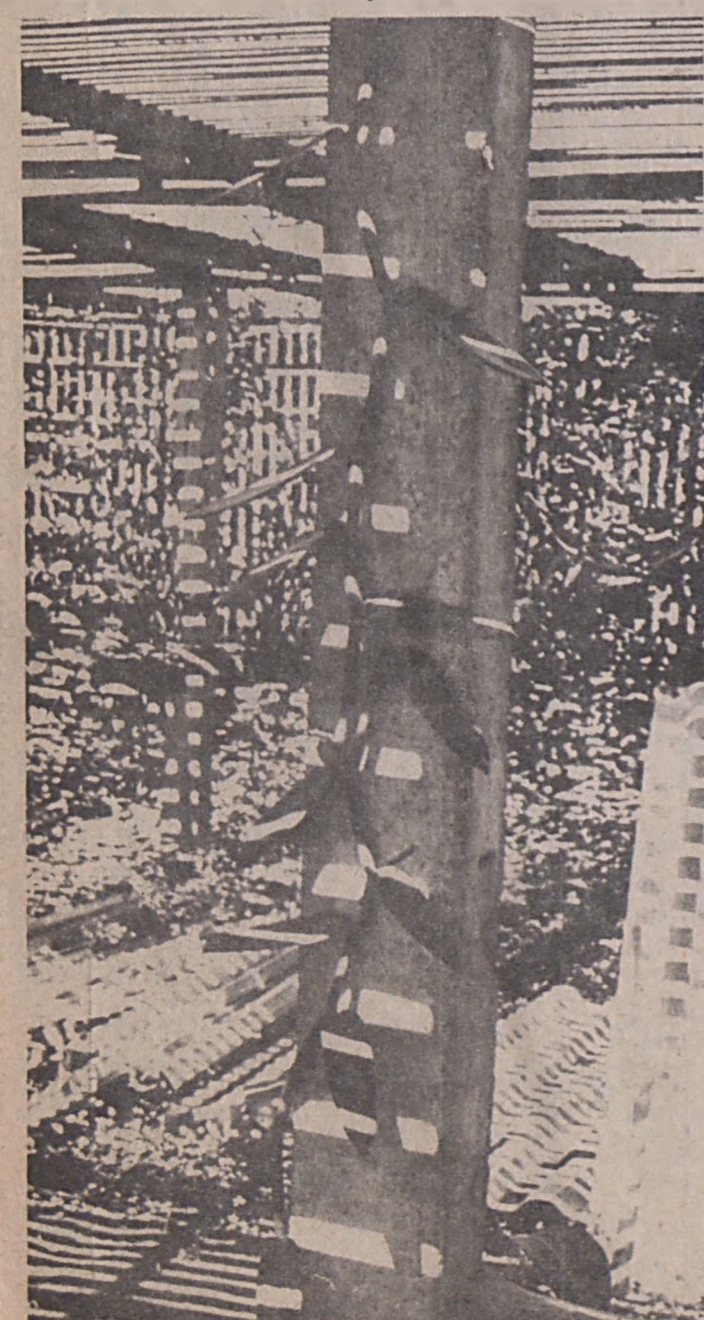
Parece incrível, mas a orquídea é do mesmo grupo do milho da palmeira e de outras espécies vegetais. Ou delas são ervas perenes ou são trepadeiras, como a cheirosa baunilha, de tanta aplicação útil nas cozinhas. Ela integra a família das Orquidáceas, uma das mais extensas do reino vegetal. De maior incidência nos trópicos, podem aparecer também nas zonas temperadas (em sua maioria terrestres) e até nas zonas árticas.

Apreciada pelo seu exotismo e fragrância a orquídea é um artigo caro, de luxo. Não é qualquer namorado que pode mandar uma dessas flores para sua namorada. Uma única flor embalada custa 15.00 o preço de uma dúzia de rosas, mais caro que uma dúzia de cravos ou de palmas. E por causa dessa valorização e procura, a cultura das orquídeas adquiriu o caráter de atividade industrial e o preço de uma espécie nova é cotado em muitos mil cruzeiros. E, em decorrência do aperfeiçoamento das culturas, surgiu o cultivo de híbridos, cujas flores têm beleza muito superior à das espécies naturais.

As orquídeas têm seus caules muito variados, tanto da forma como no aspecto. Mas uma circunstância é definitiva em todas elas: o acúmulo de reservas e energia para serem utilizadas quando da sua floração. As raízes, esbranquiçadas ou esverdeadas, servem para muita coisa: fixar as plantas na superfície das pedras, das árvores, e ainda absorver a umidade, a água das chuvas e as demais substâncias de valor nutritivo.

Outra peculiaridade da espécie é que as orquídeas não se autopolinizam, fazendo-se necessária a intervenção de algum colibri ou de um inseto, para transportar o pólen de uma flor.

Quanto ao mais que cientificamente se possa dizer sobre as orquídeas, perde sua importância diante da beleza dessas flores que, para alegria nossa, se entrosam muito bem com o cerrado. E são uma das riquezas da nossa flora.



A baunilha cheirosa é uma orquídea tipo trepadeira. Aos seus encantos ela alia grande utilidade prática